

# **O COMANDANTE**

Nelson Vilhenna

18 de agosto de 2006

Iniciávamos a reunião de amparo a encarnados e desencarnados, no centro espírita que dirijo (C.E.F.J.), quando em uma das médiuns (Rosa Vilhenna), chegou uma entidade com porte garboso, ereto, sério, mas tranqüilo. Dirigi-lhe a palavra, dando-lhe as boas vindas e dizendo que ele se sentisse a vontade, pois estava entre amigos. O irmão então respondeu que não tinha amigos entre nós, mas que não estava ali para discutir e sim para negociar. Perguntei-lhe que tipo de negociação queria fazer e ele disse que havia perdido muitos dos seus comandados em embates com a nossa casa. Assim sendo, vinha propor que nós deixássemos os seus guerreiros livres de novas ações nossas, que ele também não prejudicaria mais nenhum irmão que estivesse sob a proteção do centro espírita.

Falei-lhe, então, que não competia a mim fazer qualquer tipo de negociação, pois estava ali a serviço do Pai Celestial e do Mestre Jesus para ajudar a todos os que nos eram encaminhados, como era o seu caso, que havia sido convidado para ali comparecer. O irmão voltou a falar, colocando que não precisava de ajuda e muito menos tinha recebido algum convite para estar ali, e sim que fora de livre e espontânea vontade para negociar a proposta já apresentada. Eu disse-lhe que, embora não tivesse percebido, a sua vinda havia sido preparada e autorizada pelos mensageiros divinos e que nos competia ajudá-lo a libertar-se de correntes trevosas, que o mantinham aprisionado. Mais uma vez o irmão tentou argumentar que não era subordinado a ninguém, pois era um poderoso general, que tinha milhares de comandados a seu serviço e precisava preservar a sua autoridade e a segurança daqueles que o seguiam. A tranqüilidade e firmeza com que se comportava, sem faltar com o respeito e nem blasfemar, nos passou a confiança de que aquele irmão estava pronto para o amparo espiritual das forças superiores. Pedi-lhe licença e iniciei uma série de passes com o objetivo de desbloqueio dos seus chacras, desligamento de possíveis vinculações com algum ser mais trevoso e limpeza de seu corpo perispiritual de cargas negativas, acumuladas por ações contrárias à Lei Divina.

O irmão começou a reclamar das perdas energéticas e que eu não o estava tratando com o respeito que deve ser dado a quem vem negociar. Em seguida, entrou em choro convulsivo e, envergonhado, disse que eu o havia humilhado diante da tropa e, por esta razão, não seria mais respeitado. Logo ele, que sempre zelara pelo exemplo de firmeza e disciplina! Dirigi-me a ele com carinho, oferecendo-lhe as mãos, dizendo que, pelo contrário, naquele instante ele havia dado um grande exemplo de coragem, ao reconhecer os seus erros e se dispor a corrigi-los. Respondeu-me, a seguir, que mesmo assim não tinha coragem de fitá-los, pois o que seria deles a partir daquele momento, já que sempre o seguiram sem questionarem e, por esta razão, acabaram sem vontade própria, dependendo totalmente dele. Afirmei-lhe então que não se preocupasse, porque muitos dos seus comandados já estavam cansados daquela vida e só

esperavam o momento em que ele resolvesse mudar de atitude. Acrescentei que, naquele instante, muitos rejubilavam-se de alegria. Eu ainda disse mais, explicando que quando o Mestre Jesus percebera, no seu interior, que era chegado o momento da sua libertação, o havia encaminhado para aquela conversa. Afirmei-lhe que, ao sair dali acompanhando os amigos espirituais que o aguardavam, iria para um local onde se prepararia para ajudar o seu semelhante. Os seus subordinados o estariam esperando, para que ele os comandasse nessa nova etapa de suas vidas, pois enquanto ele não ensinasse a todos para viverem independentes, eles estariam ligados ao seu comandante e esta era a sua grande responsabilidade diante de Deus. O irmão agradeceu, tendo a mesma dignidade com que chegou, e humildemente despediu-se.